O ESTADO DE BRASILIA A CAPITAL DO BRASIL COM SEU URBANISMO E PLANOS URBANÍSTICOS

MARLENE AYAKO DOMENI

RESUMO:

Procurou-se historicamente apresentar o processo de construção e fundação de Brasília sintetizando seu urbanismo e planos urbanísticos. O objetivo de tal política era tornar o Brasil uma potência econômica em médio prazo, sendo este resumido no slogan ”50 anos em 5”. Brasília deveria simbolizar este processo de modernização do país. Questionam-se quais foram os planos urbanísticos durante a construção de Brasília? Quem foram os trabalhadores candangos? Objetivou-se observar como esse processo carrega um legado para a população que a construiu e para os caminhos que a política brasileira tomou a partir de então. Pretendeu-se ainda descrever completamente determinado fenômeno, realizando análises teóricas. A metodologia utilizada neste artigo foi à pesquisa bibliográfica que como explicam Lakatos e Marconi (2011), teve como objetivo descrever completamente determinado fenômeno, realizando análises teóricas, sendo este, um processo mental do qual parte de dados particulares suficientemente constatados, fazendo uma análise de fatos e informações concretas.

PALAVRAS-CHAVE: História; Brasília; Urbanismo; Candangos; Oscar Niemeyer.

1 INTRODUÇÃO

A construção de Brasília provocou inúmeros debates nos quais muitos consideram tal obra desnecessária e inútil, pois acreditavam que o Rio de Janeiro, o principal cartão postal do Brasil, deveria continuar sendo a capital. Contudo, mais tarde, alguns analistas do assunto chegaram a ligar a decadência econômica e social da “cidade maravilhosa com perda do status do capital”.

Já outros ficaram maravilhados com a grandiosidade arquitetônica e a modernidade dos monumentos da nova capital federal, considerando ela como um símbolo de um Brasil moderno.

Tais debates descritos acima são importantes para despertar o interesse em pesquisar e analisar o processo que envolveu a construção de Brasília. Ainda mais, se consideramos a importância que a cidade ainda tem no plano político, pois muitas decisões e projetos que influenciam a vida de toda sociedade brasileira passam pelo congresso nacional e pelo palácio do Planalto, prédios que apesar da passagem do tempo, mantém um toque de modernidade que pode contrastar com a realidade nacional.

Justifica-se que o presente artigo empregou a pesquisa bibliográfica por meio de obras já existentes sobre o tema. Para realizar tal pesquisa foi necessário contextualizar o cenário, primeiramente realizando uma análise sobre a história de Juscelino Kubitschek que, para o bem ou para o mal, dividindo opiniões e criando polemica, é um dos personagens mais importantes da história política do Brasil em relação à construção de Brasília.

Questionam-se quais foram os planos urbanísticos durante a construção de Brasília? Quem foram os trabalhadores candangos?

Objetivou-se observar como esse processo carrega um legado para a população que a construiu e para os caminhos que a política brasileira tomou a partir de então. Pretendeu-se ainda descrever completamente determinado fenômeno, realizando análises teóricas.

Por hipótese considera-se o impacto social da construção de Brasília, no qual muitos trabalhadores que construíram os grandiosos palácios e prédios da cidade ficaram relegados a morarem nas chamadas cidades satélites, que constituem as periferias da capital federal, que aparecem fora do seu projeto piloto e cujas casas demonstram as condições precárias das classes mais pobres do Distrito Federal.

A metodologia utilizada neste artigo foi à pesquisa bibliográfica que como explicam Lakatos e Marconi (2011), teve como objetivo descrever completamente determinado fenômeno, realizando análises teóricas, sendo este, um processo mental do qual parte de dados particulares suficientemente constatados, fazendo uma análise de fatos e informações concretas.

2 BRASILIA A CAPITAL DO BRASIL COM SEU URBANISMO E PLANOS URBANÍSTICOS

O plano piloto de Brasília pode ser considerado ousado, já que sua premissa era transportar um cenário completamente urbano, com todos os requisitos dos quais necessita uma capital, para o cerrado de Goiás, composto basicamente por um deserto, onde as populações e cidades do entorno viviam uma realidade rural e que se relacionava ao urbanístico.

Lucio Costa [...] expôs sua concepção desta maneira surpreendente: “a) - nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da

cruz; b) - procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo equilátero que define a área urbanizada; c) - e houve o propósito de aplicar os princípios francos da técnica rodoviária - inclusive a eliminação de cruzamentos - à técnica urbanística, conferindo-se ao eixo arqueado, correspondente às vias naturais de acesso, a função circulatória - tronco, com pistas centrais de velocidade e pistas laterais, para o tráfego local, e, dispondo-se ao longo desse eixo o grosso dos setores residenciais; d) - com a decorrência dessa concentração residencial os centros cívicos e a administrativos, o setor cultural, o centro de diversões, o centro esportivo, o setor administrativo municipal, os quartéis, as zonas destinadas à armazenagem, ao abastecimento e às pequenas indústrias locais, e, por fim, a estação ferroviária, foi-se naturalmente ordenando e dispondo ao longo do eixo transversal que passou a ser, assim, o eixo monumental do sistema (KUBITSCHEK, 2001).

Também por este motivo é que o projeto de Brasília foi tão ovacionado, por trazer uma realidade urbana, moderna, para um território majoritariamente rural:

Aí está em linhas gerais o que Lucio Costa julgava como Brasília deveria ser. Suas ideias coincidiam, exatamente, com o que eu sentia em relação ao problema. Brasília não poderia e não deveria ser uma cidade quaisquer, iguais ou semelhantes a tantas outras que existiam no mundo. Devendo constituir a base de irradiação de um sistema desbravador que iria trazer, para a civilização, um universo irrevelado, teria de ser, forçosamente, uma metrópole com características diferentes, que ignorasse a realidade contemporânea e se voltasse, com todos os seus elementos constitutivos, para o futuro (KUBITSCHEK, 2001).

A metrópole que Lucio Costa concebera - "monumental, por ser simples e líquida no seu traçado" - ia deixando, aos poucos, o papel, para se converter numa esplêndida realidade. Entretanto, não só se cuidava de construir uma cidade, mas igualmente de fazê-la funcionar, como qualquer organismo vivo. Nesse sentido, simultaneamente como as edificações, providenciava-se, através do Departamento de Terras e Agricultura (DTA), o desenvolvimento da produção agropecuária e a organização do abastecimento de Brasília.

Para os agricultores, que chegavam ao planalto em grande número, o

Departamento de Terras e Agricultura (DTA) destinou inicialmente, uma área de 30mil hectares. Essa área, dividida em regiões agrícolas, foi retalhada em lotes a serem arrendados aos interessados.

O Plano Piloto, que for uma cruz riscada a lápis na planta de Lúcio Costa, perdera seu caráter irreal de concepção artística no papel, para se projetar concretamente, com vida própria e já integrada no cenário do Planalto Central. Para qualquer lado que se olhasse, viam-se obras em conclusão, cumeeiras assentadas, ruas já asfaltadas e entregues ao tráfego.

A cidade, que "seria a minha sepultura política", havia se transformado em menos de dois anos numa esplêndida realidade. Cada semana, uma inauguração era feita. O comércio expandia-se com a abertura de novas casas e lojas. Vinte mil operários trabalhavam só no período urbano.

Os planos foram baseados em construções americanas, mas, não há como negar a criatividade imposta por Costa e Niemeyer na construção de edificações dotadas de tamanha modernidade e imponência, tal como nunca se havia visto no Brasil e pouco no mundo.

Não é à toa que a cidade de Brasília é considerada até os dias de hoje como um marco arquitetônico e urbanístico, de referência nacional e internacional.

A Cidade Livre, consequência da construção de Brasília, surgira, também, do nada, sem dispor do apoio de uma aldeia sequer. Imaginou-se, na época, a criação de um núcleo populacional, fora do Plano-Piloto, com um comércio regular que pudesse atender aos trabalhadores que chegassem para a construção da capital. Surgiu, assim, a denominada Cidade Livre - autêntica concentração humana, alojada em casas de madeira, no gênero de Dodge City e de outras cidades do mesmo tipo, características do Velho Oeste norte-americano (KUBITSCHEK, 2001).

A cidade satélite organizou-se, pois, como Brasília. Saiu do nada, e abriu os olhos para a existência, contemplando o cenário desolado do Planalto Central. Para a aquisição de lotes, era necessária autorização do subprefeito e a regularização se fazia no Departamento Imobiliário da NOVACAP.

Não era permitido que alguém possuísse mais de um lote, e os compradores só poderiam ser os trabalhadores e servidores modestos da NOVACAP. Os lotes comerciais eram distribuídos aos comerciantes de parcos recursos, e um lote só a cada um, mesmo assim se fosse dono do negócio nele instalado.

Em seis meses, Taguatinga já era uma realidade. A cidade havia sido construída, e estava em funcionamento à escola, o hospital, as casas para os professores, os estabelecimentos comerciais pioneiros, e, em meados de 1959, inauguraram-se a Escola Industrial. Surgira, assim, a primeira cidade satélite de Brasília.

Em suma, a construção de Brasília e toda a ideia que a envolve acaba se tornando um tanto lúdica e fantasiosa em nossas mentes até os dias de hoje, levantar uma cidade de onde antes não havia nada e transformá-la na capital de um país não é um fato a ser ignorado e sim comemorado, mas, assim como seus inúmeros benefícios para os moradores da região, houve muitos fatos que ficaram escusos em relação à construção.

Além da situação dos trabalhadores e dos nativos da região, seus cotidianos que eram ignorados ou 'escondidos', para não interferirem exatamente neste espírito de inovação, limpidez e progresso que só a construção em si já imputou na população, havia também questões urbanísticas que foram ignoradas neste processo.

Tanto que muitos acreditam que o processo de 'favelização' após a construção da nova capital foi muito maior e mais desenfreado, crescendo a níveis alarmantes.

Tal fato se deu por causa de uma deficiência das políticas públicas que, ao passo que foram instalando a nova capital, pudessem dar ao contingente de trabalhadores condições dignas de moradia, ao invés de inseri-los a uma realidade social marcada pela miséria, que já se apresentava no estado, aumentando o número de moradias irregulares e improvisadas, o que conhecemos como favelas.

Com o número de emigrantes partindo para a nova capital de maneira acelerada, em busca de trabalhos e novas oportunidades de vida, não é incomum pensar nas condições as quais estes foram impostos, ou seja, onde iriam viver as condições, que a própria cidade em construção e tampouco seu entorno ofereciam.

Portanto, embora as ideias e ideais que envolvem Brasília sejam bonitas e até mesmo nos dêem um sentimento de fantasia, da 'terra perfeita' que passou por um processo mágico de construção, analisando a história podemos notar que as coisas não aconteceram desta maneira tão perfeita como nos poemas que foram feitos e nas frases de seus protagonistas, tal como "branca, como que flutuando na imensa escuridão do planalto", como escreveu o arquiteto Oscar Niemeyer (1960).

"Candangos" foi uma denominação que os trabalhadores que atuaram na construção de Brasília receberam da imprensa da época. Eram personagens anônimos que fizeram parte desta história, que é conhecida por seu espírito moderno, inovador e progressista, mas que imputava a estes trabalhadores, condições de sobrevivência tão retrógrados e até mesmo medievais.

Depoimentos de operários desta época revelam jornadas de trabalho atingindo 14 a 18 horas diárias, dando um ritmo incansável às máquinas dia e noite. Os domingos e feriados eram dedicados às 'horas extras' permitindo assim atingir um salário aproximado de Cr$ 6.200,00 por mês. Registros de moradores antigos descrevem um cenário pouco confortável nos acampamentos. Eles incluíam alojamentos compostos por galpões que possuíam dez a quinze quartos, com beliches de dois ou três andares. Os colchões eram de capim e a falta de higiene nos alojamentos favorecia a presença de percevejos, pulgas e piolhos, sendo às vezes necessário incendiá-los. O sanitário era uma 'casinha' com porta de lona ou um simples buraco cavado no chão. Além disso, os acampamentos aglomeravam milhares de operários, obrigando os trabalhadores famintos a aguardar em longas filas para o almoço. (SOUZA, 1983, p. 36).

Os candangos vieram de regiões miseráveis do país sonhando com uma vida mais digna, mas aparentemente continuaram sendo sujeitos a condições degradantes de vida e trabalho.

Cardoso (2004) diz que as adversidades relatadas na descrição do deslocamento de Pernambuco para Goiás, um Estado até então desconhecido para a população do interior do Nordeste "ninguém sabia onde era o Goiás; onde é esse Goiás? Ficava todo mundo: não, para ir para lá como é que faz? E ficava aquela luta" e a trajetória de viagem sinuosa, de cidade em cidade, me faz indagar sobre os significados que uma mudança de vida como essa teve para um trabalhador como Queiroz, que abandona a terra e a atividade agrícola para ser servente e cozinheiro em lugar até então desconhecido por ele. As agruras daquele então presente vivido ou a construção imaginária de um futuro diferente?

Levantando um argumento comum nas falas dos trabalhadores que concederam entrevistas para o projeto Memória da Construção de Brasília, o depoente reforça que o entusiasmo para partir para outra região deveu-se à possibilidade de mudar de vida, ganhando muito dinheiro. É difícil afirmar que os nordestinos que se dirigiam para a região de Brasília tinham uma consciência clara naquele momento do que seria arrastar dinheiro com rodo. Falando em 1991, depois de uma trajetória que demonstra certa satisfação com a sua permanência na cidade até essa data, a ideia é mais bem sistematizada, assim como é reconstruída a noção de atraso com que se refere ao Nordeste de onde veio, possibilitando estabelecer um elo de comparação entre a vida levada em Pernambuco, à vivida em Brasília na época da construção e a de agora como morador desta cidade. Respondendo a uma indagação dos pesquisadores do APDF, sobre como ficou sabendo de Brasília, Queiroz afirma: Aí eu vim num caminhão mais um primo meu.

Aí disse que estava arrastando um dinheiro com rodo aqui. A notícia era essa: que tinha visto falar no jornal, no rádio, a notícia que a gente pegava de interior era quando a gente ia à cidade. A gente escutava as notícias: ouvindo falar isso e tal. E lá na cidadezinha tem um rádio, tem uma coisa, de pilha, de pilha não, de bateria. Não existia pilha nessa época. Se existia ninguém sabia que existia. Muito atrasado, muito atrasado. Aí a gente pegava aquelas notícias lá, e eu fiquei doido para vir pra Brasília para ganhar dinheiro (CARDOSO, 2004).

Cardoso (2004) continua dizendo que trabalhar e viver no espaço de uma cidade em construção, mais projeto do que realidade entre 1956 e 1960, aparece nas lembranças de Queiroz como tempos de dificuldades, mas também de compensações.

A jornada de trabalho extensiva; a ocorrência de muitos acidentes nos canteiros de obras; a má qualidade da comida dos peões, feita com o óleo Sol Levante, "que dava tanta dor de barriga no povo"; as péssimas condições dos alojamentos "cheios de percevejos"; a falta de assistência médica, com apenas "o hospitalzinho do IAPI, de tábua, ali"; a presença de lepra e doença de Chagas, entre outras; a violência da polícia e as mortes dos trabalhadores compõem a descrição das dificuldades que os candangos enfrentaram nesse período, que são mediadas pela visão positiva dos salários, "porque diz que nas obras de Brasília só dava cavalo e nota de mil". E foi com o que recebeu como remuneração de seu trabalho que Queiroz ajudou a família, que ficou no Nordeste.

Considerando a cidade de Brasília como o lugar onde os trabalhadores elaboraram suas experiências de passado e a partir delas projetaram futuros diferentes daqueles passados vividos, podemos compreender não só as motivações pessoais para a busca de trabalho e o enfrentamento das dificuldades na fase da construção, como as permanências desses trabalhadores na cidade até hoje.

Brasília dos anos 50 e início da década de 60 aparece como um elo entre um passado de privações e um presente construído por lutas, por conquistas, pelos trabalhadores, que reorganizaram os espaços da capital, teimando em ficar e permanecendo em um local que não foi pensado para eles. Com isso, os candangos remodelam o projeto de cidade, que não é mais o projeto original, e legitimam lugares e cenários que possuem importância nas suas trajetórias. (CARDOSO, 2004).

Por este fato o período que marcou a construção de Brasília apresenta um contraste muito grande, já que a ideia era constituída sob a 'capital da esperança', o espírito era este, de construir uma vida melhor, ter oportunidades de progredir, porém, tais progressos mais pareciam fazer parte da realidade dos chamados 'protagonistas' na história de Brasília, ou seja, aqueles que faziam parte da elite que concebeu a ideia em teoria, mas, que na prática da construção estavam bem longe.

Para estes a construção realmente parecia uma dádiva, uma grande mágica realizada por heróis que cumpriram o prometido pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK) e entregaram a obra antes do prazo estipulado, por este ponto de vista:

Entre os soldados de Brasília, os que trabalhavam e só trabalhavam engenheiros, auxiliares da administração, operários e os próprios empreiteiros, uma única preocupação existia: a de vencer a luta, a de dar conta do recado, a de cumprir a missão. Essa determinação, esse sentimento de responsabilidade, essa esperança e a certeza do êxito afastavam cogitações de qualquer outra natureza. Não havia ambições pessoais, não havia preocupação de dinheiro, não havia emulações subalternas. Cada um dos que vivia nos canteiros de obras, qualquer que fosse sua função ou encargo, como que tomara férias de suas próprias ambições. Foi assim que surgiu o espírito de Brasília e foi com ele que se fez a nova e bela Capital. Em apenas três anos. (TAMANINI; 2009, p. 23).

O lado oposto desta história até os dias de hoje permanece um tanto escuso e obscuro, motivos de vários questionamentos, como ocorreu quanto ao caso do acampamento da construtora Pacheco Fernandes, na Vila Planalto. Fato pesquisado pelo cineasta Vladimir Carvalho que acabou se dividindo em dois filmes os "Conterrâneos velhos de guerra" e "Brasília segundo Feldman".

O tema até hoje é motivo de polemicas na capital de Brasília e motivo de discussão tanto pelos que viveram esta época, quanto para os pesquisadores e estudiosos da área.

Conforme Ribeiro (2010)

Os conflitos internos ao acampamento eram altamente controlados e, eventualmente, fortemente reprimidos. Em trabalho sobre a formação da configuração espacial por classes do Distrito Federal (Ribeiro, 1982), registrei um dos episódios mais violentos da construção de Brasília: 'Definitivamente marcado na memória popular está um massacre de operários promovido pela GEB18 em fevereiro de 1959, na cantina do acampamento da construtora Pacheco Fernandes Dantas, na Vila Planalto, devido a um conflito causado pela má qualidade da comida. São as mais variadas as versões sobre o fato, mas não resta dúvida do assassinato a sangue-frio de vários operários (inclusive foram metralhados os acampamentos onde vários homens estavam dormindo), cujos

cadáveres teriam sido transportados em caminhões basculantes, para serem enterrados em vala de localização desconhecida. A responsabilidade por este crime não foi atribuída nem cobrada a ninguém em especial. Tudo por conta da grande repressão policialesca de então e do espírito de pioneirismo que não permitia paralisação de obras para averiguações tão 'burocráticas'. De qualquer modo, este massacre é a expressão agudizada de componentes como a má qualidade da alimentação nos acampamentos, disciplina e controle do operariado ao arbítrio das empresas, repressão policial violenta, dilapidação da força de trabalho, obediência ao prazo da construção sob qualquer argumento'. (RIBEIRO, 2010, p. 44).

Bem em frente ao palácio do Planalto, ergue-se o Museu da Cidade um estranho monumento de forma retangular, em cujas paredes leem-se diversas frases, referentes à construção da nova capital. O que chama a atenção naquele conjunto arquitetônico, além da sua bizarra conformação, é um alto relevo, em granito, reproduzindo uma fisionomia humana. Ao lado, está esculpida a seguinte frase: "À Juscelino Kubitschek de Oliveira, que desbravou o sertão e ergueu Brasília, com audácia, energia e confiança, a homenagem dos pioneiros que o ajudaram na realização da grande aventura".

A frase, refletindo a gratidão dos milhares de candangos que cooperaram comigo na gigantesca tarefa, não deixou de me sensibilizar. Contudo, nela fala-se em "aventura", o que poderá dar a impressão de que a transferência da sede do governo constituiu uma empresa temerária. Uma espécie de jogo, no qual tudo foi arriscado sem se saber, na realidade, o que aconteceria no final. Mas a expressão "aventura", a que recorreram meus amigos, foi utilizada num sentido bem diferente. "Para eles, a tarefa, que havíamos realizado, era de tal grandiosidade que só existia uma palavra para defini-la: aventura". (KUBITSCHEK, 2001).

Quando da inauguração do Catetinho em 1956, após a cerimônia, JK nos conta em sua obra "Por que construí Brasília" que houve uma serenata na qual os pioneiros participaram, e que nesta época ainda não se os chamava de candango.

No início de 1957, o deserto do planalto central já estava convertido num imenso canteiro de obras. Havendo sido difundida a notícia do que ali estava sendo feito, acorreram operários de todos os quadrantes do Brasil, notadamente do Nordeste. Em fevereiro, achava-se em atividade na região cerca de 3000 trabalhadores. Máquinas iam e viam aplainando o terreno, abrindo valas para o assentamento das redes subterrâneas de água, esgoto, luz e telefone, e removendo terra, para o início das construções.

O imenso espaço vazio do planalto já não se mostrava tão deserto como antes. Operários chegavam de todas as regiões do país em busca de trabalho. Eram os candangos. Que derivavam do Nordeste, do interior de Goiás e dos municípios das fronteiras de Minas e de Mato Grosso, a fim de dar "uma mão" na obra de desbravamento do Planalto.

Surgiam sem bagagem, apenas com a roupa do corpo. Acertavam as condições com os mestres de obra e, depois de alojados num barracão de madeira, faziam sua aparição nas frentes de trabalho. No rastro dos candangos, surgiam as atividades comerciais pioneiras.

No setor da assistência social, as primeiras iniciativas foram além da do SAPS com seu restaurante a do IAPI, com a instalação de uma agência que constitua a etapa experimental de uma rede de proteção à mão de obra pioneira, em atividade no deserto. O candango, que antes corria o risco de morrer de fome ou ser dizimado por enfermidades nas zonas de onde havia vindo já tinha assistência médica e frequentava sua cantina. Proteção aos deserdados no mesmo local, pouco antes inacessível, onde as onças ainda rondavam à noite os acampamentos.

Uma das minhas preocupações, desde o início das obras, era a de dar assistência escolar aos filhos dos candangos. Brasília, embora ainda um imenso canteiro de obras, já requeria serviços assistenciais no que dizia respeito à instrução e à saúde. Em 1957, no rastro dos candangos, que haviam chegado apenas com a roupa do corpo, começaram a surgir os integrantes de suas respectivas famílias.

Eram famílias do povo, e, como tal, sempre numerosas. Em face da crescente avalancha de imigrantes, fundaram-se na Cidade Livre duas escolas particulares - uma funcionando num barraco de madeira e a outra tendo por sede a sombra de uma frondosa árvore com as aulas ao ar livre. Quando chovia, suspendia-se temporariamente o ensino.

O candango era uma imagem nova no cenário brasileiro. Sem saber ler, realizava com perfeição o trabalho que lhe competia na comunidade operária da nova capital. Este batia rebites; aquele carregava tijolos; outro temperava o concreto.

Cada um no seu setor, e todos ajustados. A um mesmo ritmo de produção.

Um dos relatos mais recentes que surgiram sobre a situação dos candangos veio de um soldado reformado da Aeronáutica, que estava em exercício na época da construção. Em entrevista ao Correio Brasiliense, em 2000, Alcimar Batista comenta a questão ocorrida ainda no acampamento supracitado, uma das situações mais obscuras que há

em relação aos candangos:

O que houve na Pacheco foi um tiroteio. A polícia foi chamada ao acampamento, os peões estavam revoltados porque serviram comida estragada para eles. Os operários começaram a bater panelas e virar os pratos de comida, virar a mesa. Era um acampamento muito grande, espaçoso. Devia ter ali umas 300 pessoas almoçando naquela hora. E eles começaram a bater, quebrar, virar tudo. Enfim, fizeram uma depredaçãozinha. A GP chegou e enfrentaram os peões, que estavam armados com enxadas, facas, picaretas. A polícia não tinha muito armamento, não. A GP da Novacap era uma guarda fraquíssima.

Correio – Fraca em armamentos, mas muito violenta, não?

Alcimar (2000) – Eram homens despreparados e muito truculentos. A Novacap contratava qualquer um, bastava saber ler. Eles tinham poucos armamentos, agiam sempre para intimidar os candangos e evitar que eles fizessem muita besteira. A polícia chegou e começou a atirar. Atirar no refeitório que era de madeira. Deram tiros e balearam alguns, mas ninguém morreu na hora porque fomos chamados imediatamente. Não vi nenhum morto.

Correio – O senhor chegou ao início do tiroteio?

Alcimar (2000) – Chegamos uma hora depois. Vimos muitas pessoas feridas, mas nenhum morto. Não houve nenhum caminhão carregado de gente, não houve buraco aberto por trator para jogar corpos lá dentro. Possivelmente se não tivéssemos chegado à coisa tivesse ficado pior. Tomamos conta do acampamento.

O pessoal foi tudo atendido rapidamente.

Correio – O senhor tem idéia do número de feridos?

Alcimar – Muitos. Muitos mesmo, mas não tenho ideia de número. (CORREIO BRASILIENSE, 2000).

O trabalhador candango passou por mazelas durante a época da construção da nova capital, além de ser submetido a condições de sobrevivência no mínimo inadequadas e que acabaram por frustrar seus planos de conseguir uma vida melhor na nova capital, já que o projeto urbanístico da cidade não dava conta do numeroso volume de trabalhadores que emigraram para Brasília em busca de melhores condições de vida, gerando o aumento da violência e prostituição na região, além do aumento de habitações irregulares, formando favelas no entorno da nova cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que Brasília como outras grandes cidades do país, era considerada uma região cheia de contrastes, na qual a riqueza parecia conviver com a extrema pobreza, e isto provavelmente não estava previsto em um projeto cuja principal característica era a grandiosidade e a modernidade.

Boa parte das fontes referentes à construção de Brasília parece indicar que os custos da obra foram altos, a ponto de influenciar negativamente na economia brasileira.

Durante a construção do trabalho pudemos constatar que o projeto urbanístico de Brasília foi até certo ponto apenas, bem desenvolvimento, no que diz respeito ao que já conhecemos da cidade como um grande referencial em termos arquitetônicos e urbanísticos modernos, mas, deixou a desejar em outros pontos, como por exemplo, a alocação do grande contingente de trabalhadores que emigrou para a nova capital em busca de oportunidades melhores de vida.

Outro ponto bastante ignorado no processo de construção foi o impacto que esta causou sobre a vida dos habitantes locais, uma população sertaneja e interiorana, de hábitos modestos, se viu em meio a um cenário de violência crescente, prostituição, drogas e demais desvios morais aos quais não estavam habituados na época e eram considerados fora que esta população considerava aceitável.

Pode-se concluir que o choque cultural que a urbanização trouxe para o cerrado de Goiás, foi muito grande e não bonito e lustroso como a propaganda inicial almejava, a união completa de cidadão urbanos e rurais vivendo em completa harmonia e trocando conhecimentos que levariam ao progresso de ambos.

Não se pode negar, porém, que a construção de Brasília trouxe benefícios, ainda que eles pudessem ser sentidos de maneira mais abrangente por membros da elite, o país tomou reconhecimento internacional por conta do projeto, seus atributos arquitetônicos viraram referência mundial de edificações contemporâneas e, mesmo que em condições escusas, a construção empregou muitos trabalhadores.

Um dos grandes pontos que geraram critica a Juscelino Kubitschek em relação à construção de Brasília foi o gasto imenso que a obra de construção inferiu aos cofres públicos, favorecendo o lado da oposição em suas duras críticas contra o presidente.

REFERÊNCIAS

BATISTA, A. O Brasil, 500 anos depois. Correio Braziliense. Caderno Cidades, 20 de abril de 2000. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/437975. Acesso em: 16 set. 2023.

SOUZA, NAIR H. B. Construtores de Brasília. Estudo de operários e sua participação política. Petrópolis: Vozes, 1983.

CARDOSO, H. H. P. Narrativas de um Candango em Brasília. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 24, n. 47, 2004.

KUBITSCHECK, J. Por que construí Brasília. Rio de Janeiro: Bloch, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LIMA, N. T. Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: ed. Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

NIEMEYER, O. Minha experiência em Brasília. Revista Arquitetura e Engenharia. Edição Especial – Brasília – julho/agosto de 1960.

REVISTA BRASÍLIA. Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil – NOVACAP. n. 3, boletim mensal da Novacap, RJ, março de 1957. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/506963/brasilia_1957_Ano_1_n 3.pdf?-sequence=8. Acesso em 16 set. 2023.

RIBEIRO, G. L. Acampamento de grande projeto. in PAVIANI, A. (org.). A conquista da cidade: movimentos populares em Brasília. 3. ed. Brasília: UnB, 2010.

SCHILLING, V. Os anos JK, otimismo e esperança. Caderno de História, n. 12 –

Memorial do Rio Grande do Sul. 2014. Disponível em:

<https://www.yumpu.com/pt/document/read/13549092/os-anos-jk-otimismo--eesperanca-memorial-do-rio-grande-do--sul>. Acesso em: 17 set. 2023.

TAMANINI, Lourenço Fernando. Brasília. Memória da construção. 3. ed. Brasília: Royal Court , 2009.